

ESPAÇO E RELIGIÃO: A PRESENÇA DA CONGREGAÇÃO DA PEQUENA OBRA DA “DIVINA PROVIDÊNCIA” NO ANTIGO NORTE GOIANO (1950-1970)

SPACE AND RELIGIOUS: THE PRESENCE OF THE CONGREGATION ON THE LITTLE DIVINE PROVIDENCE’S WORK ON THE OLD NORTH OF GOIAS (1950-1970)

Jean Carlos Rodrigues^{1*}
Miriam Mendes Costa^{2**}

RESUMO

O artigo tem por finalidade compreender de que modo a chegada, instalação e difusão da Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência” no norte do Estado de Goiás na década de 1950 (hoje a região está emancipada política-administrativamente desde 1989 com a criação e instalação do Estado do Tocantins) foi capaz tanto de imprimir formas religiosas na paisagem (construção de igrejas, escolas e hospitais) como foi também importante para constituir uma identidade religiosa cristã, de vertente Católica Romana, de carisma Orionita, nesta região. O referencial teórico adotado para tal discussão fundamentou-se nos estudos de Gil Filho (2007a;b) sobre a Geografia da Religião, a qual aborda o fenômeno religioso, nas palavras do autor, como um espaço de relações objetivas e subjetivas, significadas em formas simbólicas mediadas pela religião.

PALAVRAS-CHAVE: Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência”; Norte Goiano; Geografia da Religião.

ABSTRACT

This paper aims to understand how the arrival, establishment and dissemination of the Congregation on the Little Divine Providence’s Work located in the northern state of Goiás during the 1950s (nowadays this region is politically and administratively emancipated since 1989 with the creation and installation of the State of Tocantins) it was capable to engrave religious forms in the landscape (building churches, schools and hospitals) as it was also important to form a Christian religious identity, specifically the Catholic Don Orione order in this region. It was used as theoretical framework the studies of Gil Filho (2007a;b) The Geography of Religion treats the religious as a phenomenon, accordingly to this author, it is a kind of objective and subjective relations in the space, which it meant in symbolic forms mediated by religion.

KEYWORDS: Congregation on the Little "Divine Providence’s Work"; North of Goiás; Geography of Religion.

^{1*} Professor Adjunto do Curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins/Campus Araguaína e do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT/UFT). E-mail: jeancarlos@uft.edu.br

^{2**} Pós-graduanda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT/UFT). Email: miriammcsol@uft.edu.br

INTRODUÇÃO

O debate que se enseja com este artigo gira em torno do modo como distintos movimentos religiosos são capazes de produzir espacialidades, seja por meio de suas materialidades impressas nas paisagens (igrejas, capelas, mosteiros), seja pelo modo como significa ou re-significa o espaço por meio de suas práticas religiosas (festas, romarias, procissões). De todo modo, a produção destes sentidos é capaz de produzir identidades e pertencimentos àqueles que devotam determinada fé.

No caso em tela, concentramos esforços em compreender de que modo a chegada, instalação e difusão da Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência” no norte do Estado de Goiás na década de 1950 (região emancipada política-administrativamente desde 1989 com a criação e instalação do Estado do Tocantins) foi capaz tanto de imprimir formas religiosas na paisagem (construção de igrejas, escolas e hospitais) como foi também importante para constituir uma identidade religiosa cristã, de vertente Católica Romana, de carisma Orionita, nesta região.

ESPAÇO E RELIGIÃO

Compreender a relação entre espaço e religião implica em considerarmos que toda prática religiosa resulta em produções espaciais, sejam elas materiais ou simbólicas. Embora apenas “(...) uma interpretação espacial da prática religiosa ou do conjunto de objetos religiosos da paisagem [seja] limitada” (GIL FILHO, 2007, p. 210), muitas das indagações que realizamos acerca da relação entre espaço e religião surgem deste aspecto visível, materializado, do fato religioso por meio da edificação de grandes templos, instalações de mosteiros ou a construção de escolas/hospitais denominacionais. Ou seja, o aspecto visível da paisagem colabora, num primeiro momento, para a produção de indagações a respeito do fato religioso e revela, de certo modo, o *modus operandi* de determinada ordem religiosa.

Isso não implica afirmar que outros modos de análise não sejam possíveis para a investigação desta relação entre espaço e religião, ao contrário. Porém, também compreendemos que tanto a vertente material, quanto a simbólica, não estão dissociadas. Se por um lado, a materialidade dos objetos religiosos diz pouco sobre a dimensão simbólica e da noção de pertencimento atrelado ao fato religioso; por outro

lado, esta dimensão simbólica adquire conotação, grande parte, pelas marcas impressas nas paisagens. Cumpre destacar que, em nossa concepção, a dimensão material do fato religioso atua como o início de um processo investigatório mais complexo. Conforme aponta Gil Filho (2007a, p. 210): “a materialidade imediata da prática religiosa não é um fim em si mesmo, mas um meio inicial de compreensão da dimensão religiosa”. Ou seja, há muito mais que cimento e tijolo por trás de um grande templo!

Gil Filho reforça sua argumentação ao afirmar que “circunscrever o fenômeno religioso apenas em sua materialidade imediata é descurar seus aspectos mais íntimos e subjetivos” (GIL FILHO, 2007a, p. 212). E podemos complementar a argumentação do autor ao considerar que, em nossa concepção, reduzir o universo religioso apenas à materialidade daquilo que está exposto na paisagem implica em desconsiderar os aspectos políticos, simbólicos e subjetivos deste fenômeno, simplificando a análise naquilo que há de mais essencial nesta problemática: o encontro com o homem e a compreensão de suas experiências religiosas.

Cabe destacar, no entanto, que a materialidade de diferentes formas religiosas, advindas de distintas concepções de credo, compõem uma diferenciação paisagística, pois afinal cada edificação toma forma, sentido e função a partir daquilo que lhe é próprio e do lugar de sua edificação. Assim, um templo cristão tende a ter uma forma diferente de uma mesquita que se distingue ainda de uma sinagoga, demonstrando as diversidades paisagísticas religiosas. O templo, enquanto escala de análise, tem sua importância sobretudo pelo fato de ser a reprodução terrestre de um modelo transcendente. Segundo Eliade (1999, p. 56), o templo é um “(...) lugar santo por excelência, casa dos deuses. O Templo resantifica continuamente o Mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo”.

Por trás desta constatação, situa-se o debate acerca do *espaço sagrado*, tema que tem em Mircea Eliade um grande expoente. Eliade (1999) parte do pressuposto de que o entendimento do fato religioso passa pela dicotomia entre sagrado e profano. Esta possui seu atenuante no tempo e no espaço, com a formação do tempo sagrado e do tempo profano; assim como do espaço sagrado e do espaço profano. O elemento primordial nessa distinção do mundo vivido do ser religioso está na ideia de *hierofania*, quer dizer, na manifestação do sagrado tanto no tempo, quanto no espaço.

Essa distinção entre a espacialidade do sagrado e do profano estabelece uma relação de poder que implica uma apropriação simbólica, uma tomada de posse de um território pelo sagrado, o qual produz suas territorialidades com base em suas

cosmologias e crenças religiosas representadas em diversos contextos culturais, mas que remetem à mesma ideia, cuja “[...] instalação num território equivale à fundação de um mundo” (ELIADE, 1999, p. 46).

Mas não de qualquer mundo, mas de um mundo sagrado apropriado pelo homem. Segundo Gil Filho (2007a, p. 220), “a natureza do espaço sagrado torna possível a verificação de suas condicionantes estruturais e de apropriação. A ação social de apropriação é, em tese, relações de poder, territorializando o espaço sagrado [...]”. Para Gil Filho (2007b), estudos da Geografia do Sagrado não implicam uma leitura coisificada, funcional pura e simples das espacialidades sagradas. O autor defende um matiz relacional. Para ele, “a Geografia do Sagrado está muito mais afeta à rede de relações em torno da experiência do sagrado do que propriamente às molduras perenes de um espaço sagrado coisificado” (GIL FILHO, 2007b, p. 12), objetivada apenas pela descrição dos fatos religiosos materializados no espaço geográfico.

De acordo com Gil Filho (2007a, p. 210) os estudos da religião na Geografia “(...) tem por objeto o fenômeno religioso visto como um espaço de relações objetivas e subjetivas consubstanciadas em formas simbólicas mediadas pela religião”. Tal caracterização nos permite pensar as práticas religiosas sob a perspectiva de formas simbólicas e os espaços existenciais resultantes desta intrínseca relação entre espaço e religião.

Nesta perspectiva, o espaço sagrado adquire uma conotação diferente daquilo que propõe Eliade (1999). Para Gil Filho (2007a, p. 215), “o espaço sagrado (...) pode ser situado entre o espaço sensível de expressões e o espaço das representações. Deste modo, o âmbito religioso se faz como materialidade imediata das coisas e práticas religiosas e as suas representações”, o que nos alerta que “(...) a construção da geografia da religião carece do resgate de uma teoria das representações” (GIL FILHO, 2008, p. 19).

Tal perspectiva só é possível porque o pressuposto inicial do debate é a consideração de que o homem é um ser simbólico. Para Gil Filho (2007a, p. 210), o homem é protagonista do conhecimento simbólico e da prática social da religião, o que permite afirmar que “a religião é parte deste universo pleno de significados que faz parte indissociável da experiência humana” (GIL FILHO, 2007a, p. 210).

Neste sentido, a religião como prática social que compõe este universo de significados na existência humana, se expressa espacialmente em vários aspectos, tais como: (a) espacialidade das expressões religiosas; (b) espacialidade das representações

simbólicas; (c) espacialidade do pensamento religioso (GIL FILHO, 2008, p. 145). Estas espacialidades “(...) migram dentro de seu próprio âmbito, ora como perceptual, ora como representações, ora como pensamento religioso” (GIL FILHO, 2008, p. 146).

No caso em tela, quando nos propomos a analisar as espacialidades orionitas no antigo norte goiano, nosso debate se concentrará, sobremaneira, no aspecto das expressões religiosas e nas espacialidades produzidas por elas, incluindo seus aspectos materiais. Entretanto, sem deixar de considerar elementos importantes na compreensão das representações simbólicas que dão forma e conteúdo ao fenômeno religioso, elementos estes presentes, sobretudo, nas falas, discursos e representações dos religiosos protagonistas da missão de “ocupar” o norte goiano.

A PRESENÇA DOS ORIONITAS NA REGIÃO DO ANTIGO NORTE GOIANO

Tomando como base os argumentos postos anteriormente, nos esforçamos nesta etapa do artigo em estabelecer uma relação entre espaço e religião tendo como estudo de caso a presença da Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência” (coloquialmente denominados de “Ordem Orionita”) no norte goiano a partir de 1950. O objetivo em tela é o demonstrar a territorialidade sagrada pela apropriação do território a partir de mecanismos de ação social que visam, além de ofertar ações de saúde e educação a uma região desprovida do Estado, também busca estabelecer domínio e controle do mesmo pelo fato religioso.

Os padres da Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência”, foram os principais religiosos católicos que vieram na década de 1950 para a região conhecida como antigo norte goiano. Esses representantes da Igreja Católica se deslocaram da Itália nos anos de 1913, para diversas partes do Brasil, mas para a região norte do país o processo se deu a partir da metade do século XX, depois da criação do governo provincial dessa congregação no Brasil.

Eles são pertencentes a chamada Congregação Pequena Obra da “Divina Providência”, fundada em 1893, na região norte da Itália, pelo Padre Luís Orione e a vinda para esta localidade (norte do Estado de Goiás na época), de acordo com o relato de um dos primeiros orionitas, Pe. Remigio Corazza, se deu pelo fato de que a Santa Sé percebeu a necessidade de se ocupar os espaços territoriais e simbólicos da região norte do Brasil, já que nesta localidade ainda era tímida a presença, de fato, da Igreja Católica.

Para entendermos essa concepção, temos que voltar um pouco antes no tempo, pois a ideia de “ocupar” essas localidades nasce ao longo do século XIX, atrelada à preocupação, cada vez mais presente, dos católicos com a secularização brasileira, a partir da República, das ideias positivistas e iluministas, além do pluralismo religioso como “ameaças” ao poder constituído da Igreja.

Estas “ameaças” ganham sentido, sobretudo, se considerarmos o fato de que no início do século XX, principalmente no ano de 1911, se deu a instalação da Igreja Assembleia de Deus, em Belém (PA), por Gunnar Vingren e Daniel Berg, vindos dos Estados Unidos. No início, os jovens suecos congregaram na Igreja Batista, mas logo se separaram e fundaram a Igreja “Missão de Fé Apostólica” que somente em 1917 teria seu nome alterado para Igreja Assembleia de Deus (FREESTON, 1996).

Segundo Rodrigues (2003, p. 82), “a igreja Assembleia de Deus se instalou em Belém, no Pará, se expandindo rapidamente pelos Estados da região norte do país. Nesses, o protestantismo chegou a se reduzir a essa denominação”. Isto porque, ao longo de 40 anos, as igrejas Assembléia de Deus (PA) e Congregação Cristã no Brasil (SP) atuaram como que exclusivas no campo protestante em virtude do fato de que outras igrejas vindas do exterior (Igreja de Deus) ou outras como a Igreja de Cristo (cisma da Assembleia de Deus) não possuíam expressão na sociedade (RODRIGUES, 2003, p. 82).

Neste contexto, ocupar ou se fazer presente nos estados do norte do país tornou-se uma estratégia da Igreja Católica como forma de predominar seu domínio territorial e religioso sobre a região. Tendo como pano de fundo o panorama mostrado e a concepção em recatolizar a população, os padres orionitas se deslocaram para a região norte do Brasil, imbuídos do conceito da Neocristandade, movimento de reafirmação do poder da Igreja Católica, difundido no início do século XX. Esse conceito tinha como base o propósito de combater outras concepções religiosas nos locais onde se instalavam, tendo como principais recursos e metas a construção de escolas, unidades de saúde e igrejas, na perspectiva de atender as necessidades que julgavam básicas para população que estava desguarnecida do poder público.

Na concepção da Nova Cristandade a Igreja Católica considera-se uma força espiritual que está acima do Estado. Os prelados por sua vez, consideram-se representantes do papa e, portanto, de Jesus Cristo. Sentem-se assim, responsáveis na transformação do Brasil em um país tipicamente (sic) católico. Toma força nesse período o ‘combate’ aos protestantes e aos espíritas principalmente, sendo este os alvos principais das pastorais dos

bispos e de outros escritos católicos. (PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA, 2001, p. 33)

Além dos conceitos relacionados à Neocristandade, outros elementos históricos também contribuíram para que os padres orionitas se deslocassem da região centro-sul do país para a região norte. Um deles foi o período do Estado Novo (1937-1945), no qual Getúlio Vargas estava no poder e, durante a qual, recebeu apoio da Igreja Católica que combatia as ideias ligadas às concepções marxistas, dando respaldo às ideologias defendidas pelo poder ditatorial, conseguindo através deste posicionamento recuperar seu poder e prestígio junto aos órgãos governamentais.

Outro aspecto importante para que se entenda o panorama histórico foi o fato da II Guerra Mundial ter impulsionado a economia brasileira e, dessa forma, tornando o momento favorável para que os orionitas pudessem se expandir para outras localidades brasileiras, nas quais ainda não tinham atuação.

Além dos elementos históricos citados, uma outra característica contributiva para esse processo foi o final da Segunda Guerra, pois nesse período se reestabelece o contato com a Cúria Geral (sede da Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência”) e a partir das necessidades apresentadas foi criado, em 1947, um governo provincial para funcionar no Brasil, com intuito de colaborar de forma mais profícua com o trabalho de evangelização pensado, em especial, para região norte.

A partir da criação da Província Nossa Senhora de Fátima, os orionitas conseguem maior autonomia e com isso passam a atuar em várias frentes, desde a abertura de novas paróquias, passando pela instituição de obras assistenciais, culminado com as atividades missionárias, no antigo norte goiano, hoje conhecido como Estado do Tocantins, onde deixaram suas marcas nas produções espaciais desta localidade.

OS ORIONITAS NO NORTE DE GOIÁS

A vinda dos missionários da Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência” para essa região é datada de 1952, com sua chegada na cidade de Filadélfia, local onde fixaram moradia, antes de se dirigirem para Tocantinópolis, centro da missão orionita, e para outras regiões, como exemplo, o que hoje se conhece como a cidade de Araguaína. Fixar na cidade de Filadélfia foi um aspecto estratégico, pelo fato dela estar à beira do rio Tocantins e este ser utilizado como principal meio de transporte na época. Além disso, estava na margem oposta à cidade de Carolina (MA), na qual se

tinha uma pista para pouso de aviões da Força Aérea Brasileira, que foi utilizada para a vinda de alguns dos missionários.

A área de atuação dos padres orionitas esteve vinculada a Prelazia de Tocantinópolis, criada em 1954, pelo papa Pio XII, que estabelecia os limites da missão e a configuração geográfica de atuação desse grupo religioso. “Prelazia” foi o domínio constituído pela Igreja Católica que no futuro se tornaria a diocese de Tocantinópolis, como se conhece na atualidade, e estava situada ao extremo norte, no encontro entre os rios Tocantins e Araguaia; a oeste, limitada pelo Estado do Pará; a leste, pelo Estado do Maranhão e ao sul, pelas prelazias de Miracema e Cristalândia, mais especificamente, na divisão a partir da cidade de Nova Olinda.

Essa configuração delineou os primeiros contornos que contribuíram com as possibilidades de formação do antigo norte goiano, já que a partir da chegada desse grupo, várias edificações foram feitas para atender as características simbólicas e materiais pensadas para atuação dos religiosos orionitas que passam a compor o espaço geográfico dessa região, pois “a evolução que marca as etapas do processo de trabalho e das relações sociais marca, também, as mudanças verificadas no espaço geográfico. (SANTOS, 2006, p. 61).

Com a perspectiva de fazer parte de uma atividade diferenciada da atuação que exerciam na região italiana de origem e “cheios de entusiasmo chegaram os primeiros missionários orioninos ao Norte de Goiás, pela metade de janeiro de 1952” (TONINI, 1959) para fazer parte das estratégias pensadas em relação ao Brasil. Além disso, esta chegada significava um atendimento ao convite feito pelo Papa Pio XII para que a Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência” pudesse construir suas unidades em locais interioranos e dessa forma fazer frente a crescente influência de grupos protestantes, espíritas entre outros cultos religiosos, pois “[...] continuava ainda vivo o empenho da Igreja em catequisar os fiéis procurando superar as formas de religiosidade popular tão ao agrado do estilo tradicional lusitano e eliminar as influências dos cultos de origem africana e indígena.” (PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA, 2003, p. 58)

No período que se seguiu à chegada dos primeiros padres orionitas a Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência” empenhou em estimular outros religiosos para que pudessem vir trabalhar na missão do norte do Brasil, utilizando como elemento motivador o fato de que o fundador se preocupava com as pessoas mais carentes, e nesse caso específico, a carência maior que se apresentava era a população

dessa localidade, que segundo o ponto de vista desse grupo, era desprovida de todos os recursos, fossem eles de ordem econômica, educacional ou mesmo religiosa.

As primeiras providências tomadas pelos padres que vieram para o antigo norte goiano foi conhecer as localidades que pertenciam aos limites da missão orionita, uma maneira de mostrar que estavam presentes naquelas áreas e também uma forma de entender a maneira pela qual poderiam dar materialidade à presença destes religiosos nos locais que estavam sob a responsabilidade desse grupo. Essa atividade realizada foi chamada de “desobriga”.

As “desobrigas” eram realizadas utilizando animais de carga, como burros, no intuito de se adequar ao terreno e à região, além do fato de não possuírem meios motorizados para este serviço. Este trabalho demandava grandes períodos de viagem, podendo durar meses para que pudessem atingir o maior número possível de pessoas e locais, nos quais eram realizadas missas, confissões, casamentos, batizados e catequese. Contavam com o apoio de proprietários rurais da região que sediavam em suas fazendas ou sítios essas atividades, além de colaborar com a anterior divulgação do período que aconteceria a desobriga em sua propriedade.

Os primeiros contatos estabelecidos na região, contribuíram para que os orionitas pudessem entender de que forma os espaços materiais e simbólicos poderiam ser constituídos, já que se tinha em mente a necessidade de dar sentido a vinda desse grupo para a região e este sentido também deveria ser percebido pelos grupos sociais que aqui estavam estabelecidos, já que “ [...] os homens não podem, entretanto, viver sem dar sentido àquilo que os cerca. ” (CLAVAL, 2014, p. 299)

Mesmo antes do “mapeamento” oficial, os orionitas já estavam em atividade, no intuito de dar corpo e presença desses religiosos católicos na região do norte goiano. A primeira das atividades que irão delinear a maneira como pensavam o apoderamento dessa região foi a construção, em 1952, pelo então Pe. Quinto Tonini, de uma escola, um lugar de recreação e um posto de saúde na cidade de Filadélfia. Depois o mesmo transferiu sua residência para a cidade de Babaçulândia e ampliou sua atuação até a região onde se encontrava o povoado do Lontra, hoje a cidade de Araguaína. Na sequência, mais especificamente em 1953, aconteceram as primeiras incursões através das desobrigas que partiram de Tocantinópolis em direção às localidades de Itaguatins, Araguatins, Nazaré, Ananás e Xambioá.

Nesses locais por onde passaram, no ano de 1953, empreenderam a construção de capelas e igrejas, além de outros exemplos de interferências que colaboraram nas

produções espaciais como as ocorridas em Tocantinópolis onde foi aberta uma escola primária, um posto de saúde e locais para atividades esportivas; em Itaguatins na construção de uma escola paroquial; em Babaçulândia na organização de cursos para socorristas que pudessem ter conhecimentos nos cuidados com doentes da região; em Filadélfia na preocupação voltada para a escola, para o ambulatório e os cursos de corte e costura.

Outras formas para dar materialidade ao que está sendo proposto para a região tomou corpo a partir da instituição da Prelazia de Tocantinópolis, em 1954, quando o diretor geral da Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência” que determinou a divisão da missão em duas regiões: norte e sul. Na parte norte estavam congregadas como principais locais as cidades de Tocantinópolis, Araguatins e Itaguatins e na parte sul as localidades conhecidas hoje como Babaçulândia, Araguaína e Filadélfia. O intuito dessa mudança estava atrelado à preocupação em facilitar os trabalhos que estavam sendo realizados, se preparar para o crescimento das atividades, entender a inserção desse grupo na região norte do Estado de Goiás e dar celeridade ao processo de mudança paisagística da região onde estavam estabelecidos.

Não é de se estranhar que a partir desse período, o que se pode perceber é que num curto espaço de tempo, de pouco mais de uma década, observou-se uma crescente inserção dos religiosos orionitas em várias frentes de atuação colaborando com a construção de templos católicos, passando pela instituição de seminários, casas de saúde, escolas paroquiais, ginásio, colégio, quadras esportivas, um leprosário e um pequeno hospital em Filadélfia.

Dentre os locais de atuação e presença desse grupo de religiosos, Araguaína passou a se destacar como uma das áreas com um diferencial de crescimento econômico e populacional, a partir do final da década de 1960. Uma das principais explicações para esse fato reside na construção da Rodovia Belém-Brasília que margeou a cidade, contribuiu para que ela fosse inserida numa nova perspectiva de transporte (o rodoviário), e favoreceu a proximidade estratégica com os Estados do Pará e Maranhão. Dessa forma, a cidade que antes era apenas mais uma das que compunham a missão orionita, passa a ter maior importância no cenário, pois ganhou destaque econômico e, conseqüentemente, político e social.

A participação dos padres orionitas na vida dessa localidade contribuiu para que cada vez mais eles se tornassem figuras representativas de poder local, pois atuaram em frentes que estavam desguarnecidas da presença do Estado, como nas áreas da saúde

e educação, primordialmente. No entanto, paralelo a esta atuação também se percebe o exercício do poder simbólico através das atividades paroquiais e de catequese desenvolvidas a partir das orientações próprias da Igreja Católica, já que não se pode perder de vista que, um dos elementos primordiais para que as ordens religiosas ocupassem as regiões mais distantes do centro-sul do Brasil, eram as preocupações em reconquistar os fiéis que estavam nessa região.

A partir desse intenso desenvolvimento e tendo como base a análise da cidade de Araguaína pode-se dizer que na atualidade se observa alguns elementos da paisagem e das características simbólicas e sociais como resultantes da influência e da presença dos padres orionitas, pois além do destaque em diversas áreas de atuação como a educação na qual atuam em creches, escolas e faculdades; verifica-se também atuação na saúde através da construção e gestão do principal hospital da região; e na área da assistência social com a casa de albergados e casa de idosos; e nas dezenas comunidades religiosas gerenciadas por este grupo.

As construções e atividades nas quais se observa a atuação dos orionitas são resultantes de todo um processo histórico que contribuiu para que esse grupo se tornasse conhecido na região. O nome “Orione” estampa ambientes, logradouros, capelas, bairro, praça, além de estar relacionado a várias construções que podem ser observadas na cidade de Araguaína, pois “os nomes dos lugares e das categorias de paisagem permitem falar do mundo e discorrer sobre ele. Eles transformam o universo físico em um universo socializado” (CLAVAL, 2014, p. 21), mostrando dessa forma como um grupo expressa as ações num determinado espaço, num universo que constitui o presente, mas que também se constitui do passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este artigo com o intuito de compreendermos de que modo a chegada, instalação e difusão da Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência” no norte do Estado de Goiás na década de 1950 foi capaz tanto de imprimir formas religiosas na paisagem (construção de igrejas, escolas e hospitais) como foi também importante para constituir uma identidade religiosa cristã, de vertente Católica Romana, de carisma orionita nesta região. Ao fim dele, podemos considerar que além da produção desta

identidade, a ordem religiosa também foi capaz de estabelecer um domínio religioso, político e simbólico significativo na região.

Este domínio fica nítido quando observamos as formas religiosas impressas nas paisagens do antigo norte goiano, mas também quando analisamos discursos e ações (sobretudo nas áreas de saúde e educação) desenvolvidas pela ordem religiosa no norte goiano. Além disso, o domínio geográfico que a Congregação da Pequena Obra da “Divina Providência” imprimiu nesta região, mesmo que em condições de deslocamento precárias como ficou presente na fala de um dos protagonistas orionitas, requer reconhecimento.

Evidente que a presença Orionita não cumpre apenas um papel religioso, mas também pode ser interpretado em uma perspectiva política: na nítida presença e expansão protestante na região norte do país, sobretudo com a presença da Igreja Assembleia de Deus instalada em Belém (PA), não muito distante do norte goiano, torna-se relevante a instalação de uma ordem religiosa católica até como forma de se contrapor a tal “ameaça”. Deste modo, a interface política, religiosa e simbólica se faz necessária para compreendermos em uma maior amplitude tal ação missionária em terras do norte goiano, apenas.

REFERÊNCIAS

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2014.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 67-159.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: IBPEX, 2008.

_____. Geografia da religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, Salet et al (orgs). *Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia cultural e humanista*. São Paulo: Terceira Margem, 2007a. p. 207-222.

_____. *Por uma geografia do sagrado*. Disponível em: <<http://www.geog.ufpr.br/nupper/artigos.htm>>. Acesso em: 05 set. 2007b.

_____. Espaço sagrado no Islã Shi'i: notas para uma Geografia da religião do Shi'ismo Duodécimano. In: SERPA, Angelo (org). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 141-159.

MANIERI, Dagmar et. al (Orgs). *Ensino e pesquisa: teorias, métodos e abordagens em História*. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2010.

PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA. Grupo de Estudos Orionitas. *A grande pescaria: a família orionita no Brasil*. Caderno III. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. Grupo de Estudos Orionitas. *O século orione*. Caderno I. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

RODRIGUES, Jean Carlos. *A articulação de escalas geográficas para a interpretação do contexto religioso evangélico pentecostal: o caso de Londrina (PR)*. Presidente Prudente, 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP).

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2006.

TONINI, Quinto. *Dom Orione: entre diamantes e cristais*. Fortaleza: Expressão, 1959.

Recebido em 30/04/2016

Aceito em 24/07/2016